

CORREIO ECONÔMICO



Tetê Baggio, CEO e fundadora da Be Back Now

Mulheres levam mais tempo para retornar ao mercado

As pausas na carreira costumam ser tratadas como decisões individuais ou interrupções temporárias. Dados recentes, no entanto, indicam que esse fenômeno reflete desigualdades estruturais mais profundas no mercado de trabalho brasileiro. Embora homens e mulheres interrompam suas trajetórias por motivos distintos, as consequências dessas pausas não são equivalentes, especialmente quando se observa o tempo necessário para o retorno ao trabalho.

Importante destacar que cada pausa na carreira da mulher significa menos contribuição previdenciária – a não ser que ela recolha individualmente, o que culturalmente não ocorre – e, por consequência, a aposentadoria fica mais distante.

Pesquisa aponta disparidade

Uma pesquisa realizada em 2025 pela Be Back Now, em parceria com a NOZ Inteligência, analisou as principais motivações para a pausa na carreira entre profissionais brasileiros. Os resultados mostram que, entre as mulheres, a maternidade e outras responsabilidades de cuidado são os fatores predominantes. Entre os homens, a interrupção está mais frequentemente associada ao desemprego e à dificuldade de recolocação no mercado.

Divulgação



Mulheres ficam pelo menos 3 anos fora do mercado

Pós-pausa, o que ocorre

No entanto, a principal desigualdade no mercado de trabalho não está apenas nos motivos da pausa, mas no que acontece depois dela.

De acordo com o estudo, 28,8% das mulheres apontaram a maternidade como a principal razão para pausar a carreira. Questões relacionadas à saúde mental e ao cuidado com familiares também aparecem com maior frequência entre elas. Já entre os homens, 32,8% indicaram o desemprego como principal fator de interrupção, seguido pela tentativa de empreender.

Distribuição desigual

"Essas diferenças (no mercado de trabalho entre homens e mulheres) refletem a distribuição desigual do trabalho de cuidado no Brasil, historicamente concentrado nas mulheres. Dados externos ajudam a dimensionar o impacto dessa realidade no retorno ao mercado de trabalho", destaca Tetê Baggio, CEO e fundadora da Be Back Now.

POR
MARTHA IMENES

5 vezes mais

Levantamento do Movimento Mulher 360 mostra que mulheres são cinco vezes mais propensas do que homens a deixar o mercado de trabalho após a chegada dos filhos. Além disso, uma parcela relevante permanece fora do emprego formal por três anos ou mais, o que menos comum entre homens.

Estrutural

Quanto maior o tempo de afastamento, maiores tendem a ser as barreiras para o retorno. A perda de vínculos profissionais, a defasagem percebida de competências e o estigma associado a trajetórias não lineares reduzem as chances de reinserção, especialmente para mulheres que pausaram a carreira por motivos de cuidado.

Exclusão

Esse fenômeno contribui para um quadro mais amplo de exclusão econômica. Dados do IBGE indicam que mais de 11 milhões de mulheres estão fora da força de trabalho no Brasil devido a responsabilidades domésticas e familiares. Esse contingente representa uma redução significativa do potencial produtivo do país.

Dificuldades

Embora homens que pausam a carreira por desemprego também enfrentem dificuldades de retorno, a evidência disponível sugere que eles tendem a se recolocar em menos tempo e com menor penalidade de longo prazo. A desigualdade, portanto, não está na pausa em si, mas na forma como o mercado absorve diferentes tipos de interrupção.

Fora do mercado

A permanência prolongada fora do mercado de trabalho afeta rendimentos ao longo da vida, contribuições e o acesso a cargos de liderança, aprofundando desigualdades de gênero no médio e longo prazo. Esse efeito acumulado conecta a pausa na carreira a debates mais amplos sobre participação, poder e representação.

Questão sistêmica

Os dados indicam que as pausas na carreira não devem ser analisadas apenas como escolhas individuais, mas como momentos em que desigualdades estruturais se tornam visíveis. Homens e mulheres pausam por razões diferentes, mas o mercado reage de forma desigual, sobretudo quando o cuidado está envolvido.



Especialista orienta em como agir nestes casos

Pagar escola com desconto ou não? Veja o que é melhor

Instituições dão desconto para quem paga o ano letivo inteiro

Por Martha Imenes

O ano chegou e com ele umas contas a pagar que pesam no bolso do consumidor, além de IPVA (para quem tem carro), IPTU, cartão de crédito – por conta das festas de fim de ano –, ainda tem a educação, seja para quem tem filhos em idade escolar ou quem estuda. Escolas particulares e faculdades, por exemplo, oferecem descontos para pagamento antecipado, seja por semestre ou pelo ano letivo completo, como forma de garantir previsibilidade de caixa e reduzir a inadimplência. Em geral, esses abatimentos podem variar de 5% a 15%, dependendo da instituição e do período de antecipação, e costumam ser apresentados aos pais no momento da rematrícula como uma oportunidade de economia imediata.

A proposta pode ser tentadora, mas levanta uma dúvida recorrente no planejamento financeiro: vale a pena sacar o dinheiro dos investimentos para aproveitar o desconto ou é melhor manter o capital aplicado e pagar as mensalidades mês a mês?

Valor real

Segundo Marco Loureiro, especialista em investimento, da XP no Centro-Oeste, a decisão deve partir de uma comparação objetiva entre o desconto oferecido pela escola e o rendimento real dos investimentos.

"O primeiro passo é colocar

os números na mesa. Quando falamos em sacar recursos aplicados, é essencial entender quanto esse dinheiro está rendendo hoje. Se o investimento oferecer um retorno líquido inferior ao desconto dado pela escola, antecipar o pagamento passa a ser uma alternativa financeiramente interessante", afirma.

"Recursos aplicados com foco no longo prazo, como ações, fundos multimercados ou previdência, não devem ser interrompidos para cobrir despesas previstas", explica.

Para o especialista, o investidor precisa avaliar se o capital está em aplicações de curto prazo e alta liquidez ou em estratégias voltadas à construção de patrimônio. "Manter o dinheiro bem investido, respeitando o perfil e os objetivos financeiros, costuma ser mais vantajoso do que tomar decisões pontuais que prejudiquem a estratégia de investimento", conclui.

Nesse contexto, Marco Loureiro reforça que contar com a orientação de um especialista em investimentos é a melhor forma de tomar uma decisão equilibrada. "Cada família tem uma realidade diferente, com investimentos, prazos e objetivos específicos. Um assessor de investimentos consegue analisar o portfólio como um todo e indicar se faz sentido resgatar algum ativo ou manter a estratégia atual", destaca.